

# SUSTENTABILIDADE SOCIOAMBIENTAL E DIVERSIDADE NA AMAZÔNIA

## APRESENTAÇÃO

A região amazônica a longo do século XX, assistiu a implementação de diversos grandes projetos governamentais e empreendimentos empresariais que muitas vezes partem do pressuposto que concebe erroneamente a Amazônia como um *vazio demográfico* com imensas riquezas naturais que poderiam ser exploradas para garantir o desenvolvimento nacional.

Estes discursos ignoram as populações locais da região e ainda pensam ideias de desenvolvimento que não se importam com a diversidade social e ambiental, bem como veem as naturezas não humanas como uma forma de gerar riquezas para o humanos, mas não como tendo valor em si mesmas. Estas visões colocam em risco a existências de humanos, da fauna e da flora da região amazônica, pois são vistos apenas como um meio para gerar riquezas em algum lugar e para alguns grupos do Brasil, mas não com a importância intrínseca que possuem para a própria região e até mesmo, para a garantia da qualidade de vida no planeta.

Assim, o presente dossiê pretende problematizar determinadas visões sobre a região, sem perder de vista que é fundamental estudar as diversidades culturais e ambientais que existem na região que, apesar de possuir concretamente imensas riquezas energéticas, minerais e em sua flora, possui o segundo pior Índice de Desenvolvimento Humano do Brasil, ficando à frente somente da região Nordeste.

Este é um desafio não respondido neste dossiê, mas assim, como é uma marca da *Nova Revista Amazônica*, pretende mergulhar em diferentes comunidades e em uma visão geral sobre a região para ampliar o debate, possibilitando aos leitores, refletir para além de discurso políticos ou presentes na mídia, no sentido de pensar as problemáticas que envolvem esta região que ocupa mais da metade do território brasileiro. Enquanto decisões importantes são tomadas ou propostas em outras esferas, pessoas seguem fabricando e comendo farinha, pescando, dançando, compondo músicas, vivendo, em um cotidiano diversificado, apesar dos problemas sociais que lhes são impostos.

No artigo *O desenvolvimento sustentável e a implementação de políticas públicas na Amazônia*, de Carla Moreira e Tânia Ribeiro, abre o dossiê trazendo ao centro da cena o problema vivenciado pelas populações da região em seus desafios cotidianos.

O texto de Renato Silva, *Que rufem os tambores”: um estudo etnográfico sobre a dimensão cultural de uma banda escolar em Santarém/PA*, traz o olhar etnográfico sobre o cotidiano de populações da região, ao focar em uma banda escolar, nos permite pensar nas pessoas que vivem nas cidades da região.

Gutemberg Guerra e Osvaldo Mesquita em *Imersão virtual no movimento de mulheres das ilhas de Belém, Pará, Brasil*, trazem as novas tecnologias de pesquisa como mecanismo para problematizar como os movimentos se organizam nas ilhas de Belém, o que destaca a importância da organização dos movimentos sociais para a região amazônica.

Em *A farinha d'água de Bragança: sua rota turística e seu processo de patrimonialização*, Miguel Picanço traz um elemento que não apenas demarca fortemente a identidade em Bragança, a farinha, como também dialoga sobre como pode gerar riquezas, através do turismo e adentra nos diálogos sobre a patrimonialização e seus significados.

José de Moraes e Teresinha Gonçalves, em seu estudo sobre *Sustentabilidade e educação ambiental crítica em uma cooperativa na Amazônia*, trazem o olhar sobre uma comunidade que se organizou em cooperativa para enfrentar o desafio da sustentabilidade ambiental, sem esquecer da garantia de seus modos de vida e da qualidade de vida da população.

Na **seção livre**, encontramos o artigo *Aspectos do novo romance histórico na obra os pardais estão voltando de Gilvan Lemos* em que Luciano Ferreira da Silva analisa a obra ficcional *Os pardais estão voltando* do escritor pernambucano Gilvan Lemos, mostrando como os elementos narrativos personagens, tempo, espaço e memórias são articulados na leitura da obra que simboliza o estado brasileiro em tempo de crise. Logo na sequência, temos o artigo *O currículo pós-crítico: uma experiência na escola de ensino fundamental em vitória/es*, onde as autoras Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e Silva e Raquel Amorim dos Santos analisam a compreensão do currículo numa perspectiva pós-crítica por estudantes do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Vitória-ES.

Na seção **Ensaio Etnofotográficos** temos dois importantes trabalhos que evidenciam a relação entre imagem e texto na produção do conhecimento sobre as realidades vividas por comunidades, civilizações e sociedades da Amazônia. No ensaio *Da terra firme aos estuários: traços de territorialidades nos sistemas socioecológicos na Amazônia brasileira* os autores Indira Eyzaguirre, Alan Alvão, Daniel Sousa retratam a experiência de pesquisa entre os municípios de Bragança e Tracuateua, mostrando as dinâmicas de subsistências das comunidades a partir do uso da terra entendida como um bem comum que constrói significados sobre os saberes e a importância do trabalho agrícola e da segurança alimentar dos moradores da região. Já no segundo ensaio intitulado *A física da argila: um estudo visual sobre a produção de cerâmica na comunidade vila que era* os autores Samuel do Rosario e Carlos Silva desenvolveram uma pesquisa que tem como temática o ensino de ciências, em especial o da Física, por meio do processo de fabricação de peças artesanais de argila na comunidade Vila Que Era, no município de Bragança, estado do Pará mostrando como a construção de uma peça em cerâmica envolve diferentes formas de saberes que são transmitidos de geração para geração por meio da realidade e saberes tradicionais.

Já na seção **Crônicas Etnográficas**, vislumbramos dois importantes trabalhos que evidenciam a relação entre imagem e memória, a percepção do real e a dimensão ficcional da literatura expressas por meio das experiências sensíveis que caracterizam as aventuras da pesquisa de campo nas ciências humanas. Na crônica *Dona Marina*, a autora Beatriz Ribeiro narra, a partir de três gestos, sua experiência de campo no estado do Acre retratada no conjunto de narrativas aqui apresentadas, a partir das iterações com Dona Marina, a quem ela dirige este texto. Já na crônica intitulada *Mudanças na percepção e percepção das mudanças* o autor Gutemberg Guerra mostra como a percepção sobre os ambientes e os seus múltiplos aspectos estão sujeitos a alterações e como o olhar desempenha um papel fundamental na percepção dos espaços em suas permanências e fluxos de mudanças.

Na seção **Video etnográfico** destacamos a produção o *Dom de Curar* de autoria de Ana Chaves e Luis Saraiva onde os autores apresentam uma produção fílmica resultante de uma pesquisa realizada em Soure-Marajó-Pará sobre as experiências acerca do dom de curar a partir da observação etnográfica da Senhora Maria Florinda e do seu cotidiano com suas plantas e seus saberes ligados ao dom de curar.

Finalmente, acreditamos que o presente dossiê com suas demais seções, buscam, portanto, transitar entre diferentes temáticas, para que os leitores da *Nova Revista Amazônica*, pesquisadores, discentes e docentes, de ensino superior e da educação básica, bem como a sociedade em geral, tenham mais este material de consulta, diálogo e debates para pensar sobre a Amazônia. Desejamos que seja uma importante e recorrente fonte de consulta.

## **Os organizadores**

### **César Augusto Martins de Souza**

Doutor em História e docente no Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia da Universidade Federal do Pará – Campus Universitário de Bragança.

### **Marcos Murrelle Azevedo Cruz**

Docente no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade do Estado do Pará (DFCS/UEPA). Doutorando em Ciências Sociais – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGSA/UFGPA)